

13/06/2019

Modelo de Análise e Prevenção de Acidentes (MAPA)

Ildberto Muniz de Almeida

[Faculdade de Medicina de Botucatu UNESP]

O desenvolvimento do MAPA é parte de esforços em defesa da desconstrução de análises de acidentes focadas em comportamentos de trabalhadores, que consideram atos e condições inseguras como causas do ocorrido e que acabam culpando as vítimas desses eventos.

O MAPA visa destruir a explicação dicotômica substituindo-a por conceitos a serem assumidos como guias da coleta, interpretação de dados e elaboração de sugestões de prevenção. Ele se apoia nos seguintes pilares:

- Uma compreensão de acidentes assumida “a priori”:
 - o A análise de acidentes é uma construção social apoiada em escolhas teórico- conceituais daqueles que a fazem.
 - o O acidente é fenômeno com componentes técnicos e sociais, com história a ser descrita em três dimensões: causas responsáveis pela criação e regulação de perigos e riscos; exposições aos perigos e riscos implantados; e conseqüências ou impactos imediatos e tardios.
 - o Adoção do modelo de gravata-borboleta como representação dessa história sendo o momento do acidente mostrado no centro do esquema e suas origens e conseqüências, respectivamente, nos lados esquerdo e direito da gravata. O acidente se desenvolve da esquerda para a direita em trajetórias que ultrapassam barreiras de prevenção, de monitoramento e de proteção ou mitigação de conseqüências.
 - o Esse pressuposto permite checar o resultado da análise especialmente no que se refere à abordagem dessas três dimensões do acidente.
- Reconstrução de aspectos do acontecido apoiadas em ferramentas conceituais. São elas, a descrição do trabalho habitual apoiada em conceitos da ergonomia da atividade, a análise de barreiras (AB), a análise de mudanças (AM) e a ampliação conceitual (AC).
- A descrição do trabalho habitual com suas variabilidades e ajustes explora as estratégias que guiam as ações e a execução das ações propriamente ditas seja em aspectos dos usos exigidos do corpo seja no de competências cognitivas, emocionais e habilidades mobilizadas nas tomadas de decisões envolvidas no caso. Trata-se de exploração histórica, multiníveis, indo do operacional às escolhas organizacionais e estratégicas do sistema empresa e de seu ambiente de mercado, político e cultural. Desfechos não desejados e erros identificados são pontos de partida da exploração que visa explicar por que as escolhas adotadas faziam sentido para aqueles que as fizeram. Compreender o ponto de vista do outro é fundamental para desconstruir práticas de atribuição

de culpa. Os conceitos da ergonomia da atividade são fundamentais como guias de questões a serem formuladas e da interpretação das respostas obtidas.

- AB e AC são ferramentas clássicas em análise de acidentes. Na AB o acidente é explicado pela falta e ou falha de barreiras cuja presença controlaria perigos e riscos existentes. Há série de perguntas a serem usadas nesse momento. No MAPA reforço é posto na exploração das condições do sistema que permitem ou explicam a falta e ou falha das barreiras. O fato da AB aceitar que a falta de uma barreira possa explicar um acidente é criticado pela AM. Afinal, regra geral já fazia muito tempo que a barreira não existia e o acidente não acontecia. Foco é posto na descrição de fatores e aspectos cuja presença explique o que aconteceu. Na prática, toma-se cada desfecho não desejado ou mudança identificada em componente, interações de componentes e ou destes com o ambiente e com questões próprias apoiadas em regras da lógica faz-se a busca de causas das causas, de modo que só deve ser interrompido quando as respostas obtidas já incluírem aspectos técnicos e sociais do sistema em análise. A exploração de mudanças tende a se superpor com a análise de variabilidades do trabalho habitual de modo que tende a revelar, nas origens do acidente, contribuições do fracasso de estratégias e modos operatórios anteriormente usados com sucesso em situações entendidas como similares. O foco da análise passa a ser a busca do que explica esse fracasso quando do acidente.

- Explicações assim construídas podem ser aceitas ou rejeitadas pelas equipes de empresas. A recusa é comum em situações em que a construção das etapas anteriores da análise se deu sem o envolvimento e agência de profissionais da empresa e em contextos de forte influência da área jurídica da empresa buscando fugir de responsabilidades. Nesses casos, no MAPA recomenda-se que os argumentos apresentados na recusa sejam reavaliados com a ajuda da noção de ampliação conceitual (AC) da análise que também pode ser indicada a partir de aspectos identificados nas etapas de descrição do trabalho habitual, AB e AM.

- O que é a AC? Trata-se de reanálise, de aspecto escolhido do caso, com a ajuda de conceitos que já tenham sido usados em estudos de acidentes, como: acidente normal, acidente organizacional, normalização de desvios, migração de sistemas para acidentes, análise cognitiva da atividade, armadilhas cognitivas, erro de modo e muitos outros.

Atualmente o MAPA é repensado a partir de diálogo com conceitos da teoria histórico-cultural da atividade e do Laboratório de mudanças. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.